

BURBURINHOS

THIAGO DOMINONI

Para as mãos dadas, calma e futuro.
Para contarmos nossas histórias.

I EULÁLIA NÃO ESTÁ SÓ

Um vilarejo de ruas tortas. As Janelas são pequenas e amontoadas; só se vê céu e eletricidade. Você leva os pés na ponta dos dedos e alcança os fios de luz. Toda a vizinhança está dormindo, profundamente. Eulália está acordada. Na rua há um poste de luz faiscante, precário. As luzes das casas acendem, apagam, acendem, apagam. Não se sabe se a vizinhança acordou ou se é problema de eletricidade.

EULÁLIA: Esta não é a minha voz. Esta voz é um rastro. Eu escuto enquanto falo e não reconheço. É uma voz que não me toca! Cada palavra me assusta. Vou esperar um pouco. O silêncio. Vou esperar.

As luzes das casas acendem, apagam, acendem, apagam.

Este corpo não é meu corpo! Não é idade, não é a dor nas costas, não é cicatriz. É um susto. Sabe, um susto? Meu corpo tornou-se um campo de força, um campo de batalha armado.

Vocês me ouvem?

A voz de Eulália persegue cada janela acesa.

Vocês me ouvem?

A voz de Eulália persegue cada janela acesa.

Dane-se!

Esse jornal! Eu acabei de abri-lo. E... e. Tem meu rosto aqui. Esse jornal escreveu uma manchete sobre mim! Atrás da minha foto há um enorme recado, uma mensagem:

Se você encontrar esta mulher, cuidado, ligue imediatamente para a polícia!

Eu já liguei imediatamente para a polícia. Eu passei boa parte da vida ligando para a polícia imediatamente! Ainda não chegaram. Talvez coloquem o atraso em dia. Por isso posso dizer: sou um rastro, um horizonte possível. Preciso que vocês acordem, eu preciso que vocês me ouçam, eu preciso que vocês estejam comigo. Alguma coisa está fora de ordem, está na curva, me levando ao abismo.

Há quanto tempo vocês estão dormindo?

As luzes de diversas janelas acendem e apagam. Eulália observa enquanto alimenta uma fúria incontrolável.

O sono de cada um de vocês não será suficiente para que eu desista de levantar este jornal ao alto e levá-lo para fora deste vilarejo. Preciso entrar em casa, preciso me preparar! Eu não posso acabar a minha vida em um papel cinza, em um jornal.

Nascer de imediato assusta e tenho dúvidas sobre mim. Eu digo que nasci agora porque não me reconheço nesta fotografia. Eu não consigo entender por que vocês dormem e escolhem não escutar.

Eu começo a lavar minhas mãos, estavam sujas de giz. Estou presa. Fora de casa e sem as chaves.

Eu admiro a minha vizinhança, o sono da vizinhança, a paz. É lindo, não é? Eu não posso mais dormir. Me sinto como uma falha imensa no meio dessa cegueira, desse sono, dessa paz estúpida! Esse escândalo não vai apagar meus vinte anos aqui com uma ordem, uma notícia, com uma história qualquer. Eu posso respirar; ainda estou viva.

...

Vocês escutaram? Eles estão vindo!

Eulália leva o jornal ao alto e o balança como se um avião procurasse uma sobrevivente no vilarejo.

Eu restei. Não sei dizer o que a Eulália diria. Se eu me fizesse Eulália agora, assim infinita, resolvida, se eu fosse mais que este corpo e estas roupas, ainda não sei o que ela... o que eu diria. Estou aqui e isto importa.

Sacode o jornal para o alto, bate forte as mãos contra o peito e como um rasgo, um corte fundo, ela para. Rasga o jornal; o rasgo ecoa.

Eu estou aqui! Eu estou aqui! Eu estou aqui! Eu estou aqui! Eu estou aqui! Eu estou aqui!
Eu estou aqui! Eu estou aqui!

Eulália rasga o jornal e as suas mãos tremem. As palavras do noticiário tomam as ruas.

O jornal é um problema nosso! O que é que está acontecendo? Tenho medo de cada página que abro, a gente aprende a desconfiar de cada página. Eu procuro encontrar em que ponto, vírgula e exclamação eu me salvo, eu me refaço. Você vira as páginas e... e. Desgraçados! Porcos!

Vocês percebem como o vilarejo é bonito? Vocês percebem como o vilarejo é bonito com as manchetes espalhadas pelas ruas? Com meu rosto rasgado pelas vielas? Com os nossos nomes caindo em qualquer bueiro e nos levando juntos? Será que o vilarejo sabe da gente, da dor da gente, da felicidade da gente?

Eu sei que vocês acompanham o momento que abro a porta, eu sei que vocês ouvem tudo: o cachorro late, eu balanço as chaves e as derrubo. Não é assim que me narram?

Atrapalhada, sozinha e dolorida. Eu cultivei certa ingenuidade em vocês. Eu quero acordar cada desgraçado que dorme bem, que dorme em paz, que dorme com sua vida bem contada, que dorme com sua vida vencida, que dorme com sua vida harmoniosa. Eu não acredito na paz! Acredito na constância, no futuro. Em que esquina, em que viela, em que beco sem saída minha fotografia
manchete
meu escândalo e nossos corpos
em que...
Onde vou parar? Vocês percebem como o vilarejo é bonito?

Eulália está mais viva do que nunca.

Minha cabeça reproduz fielmente a manchete, a chacina. Sou eu: Eulália! Estou perdendo o vestígio do amor, não sei se gosto dos sapatos que visto, não sei nada sobre Eulália, sobre essa Eulália da fotografia. A vontade é nascer de novo, nascer antes de segurar o jornal nas mãos. A vontade é ser um contorno sem forma. Eu sinto que nasci há poucos minutos e preciso lidar com este estranhamento. Este estranhamento que é deparar-se com uma estrangeira, este estranhamento que é provar que este corpo sabe que existe e que esta indiferença toda não o fará recuar. Continuem quietos, continuem!

Vocês percebem como o silêncio é bonito? Vocês percebem que ainda estamos vivas?

Visitem os pontos turísticos, leiam as notícias sobre os trabalhos sociais. O vilarejo é limpo! O critério para limpeza é vulgar. Ofício do que podem as palavras. Do que podem os pontos, os parágrafos.

Eu falo e antes de terminar a frase, muitas vezes, sinto que estou me traindo. Eu sou de mentira? Eu falo e antes de terminar a frase sinto que a manchete sobe à garganta e eu confesso, eu confesso cada vírgula, cada parágrafo. Eu compreendo a nota jornalística e me rendo.

Acontece com vocês? Ainda dormem em paz. Porcaria. Eu queria me narrar!

As luzes das janelas param agora de piscar. Eulália observa atentamente. Respira e narra. A vizinhança está no escuro e o poste faiscante diminui sua claridade.

Eu vou me iniciar agora e para isso me encontro em tudo aqui que possuo. Se eu pudesse ter evitado este fatídico dia será que me sentiria tão forte? Eu me perco e me encontro em cada detalhe das vidraças daqui, eu me vejo no modo como tomamos água, no modo como tomamos sol nas frestas que nos sobram. O sol chega até aqui e me contorna, nos desenha, nos presentifica.

Eu sou alguns documentos espalhados pelo chão de casa, sou a identidade e comprovante de residência, sou um pouco de culpa. Eu sou entusiasmada, eu sou sozinha, converso com as minhas fotografias antigas. Eu sou teimosa, eu sou rude, eu sonho, eu sonho, eu sou violenta, eu sou amorosa. Eu sou o que leio, o modo como sorrio, o modo como caminho e esqueço, eu sou memória e lacuna, eu sou como

converso com as pessoas na rua, eu sou o modo como tenho medo de perder o emprego, eu sou o modo de recusar uma ordem, eu sou uma falha, eu sou uma bomba pertinho da explosão. Eu sou parte desta vizinhança, eu sou o transtorno deste vilarejo.

Eu não quero que me prendam! Eu não quero que prendam uma mulher! Eu não quero que refaçam a voz de uma mulher, o corpo de uma mulher, o que ela fala. Eu quero ter a oportunidade de narrar minha história, eu quero contar o outro lado da minha história. Aos poucos, começo a acreditar no que o jornal diz.

Ao longe, um enorme batalhão de policiais se aproxima, as vozes encostam a nuca de Eulália.

Vocês não saberão falar de Eulália, são tantas Eulálias, não são? A polícia, quando chegar, olhará para o meu rosto e verá, verá que não sou a mesma da foto, das palavras, da reportagem. Eu sou outra. Outra! Não posso me esquecer disso, não posso me esquecer disso. Eu sou um campo de força!

A gente escorre pelo corpo, para fora do corpo. A gente não morre. A gente perdura.

Alguém me ouve?

Um tiro ao alto. Uma única luz da vizinhança acende. Eulália nota e sorri.

II DAR AULA AOS POLICIAIS

Eulália recolhe os pedaços rasgados do jornal que estavam no chão. Volta a procurar a manchete. Lê a manchete inúmeras vezes enquanto os tiros aumentam a frequência.

EULÁLIA:

Eulália, professora de Ensino médio, é responsável pelo incêndio da escola em que trabalha e estudantes morrem.

Passos apressados em sua direção.

O que é isso?

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Não se mexa!

EULÁLIA:

Cadê a porcaria dos jornalistas?

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Não fale nada!

EULÁLIA:

Se for preciso assaltarei a minha própria vida, devolverei Eulália a mim mesma! Eu vou gritar! Eu não posso deixar que me levem, que me retirem essa paixão. Não posso deixar que continuem dormindo!

Os policiais seguram as mãos de Eulália. Ela reluta. Eulália encara o rosto da arma.

Você consegue me ver? Eu vou falar até você enfiar uma bala no meio da minha boca! Um corpo pode desaparecer no meio de um desastre, mas os documentos permanecem. Eu não vou desaparecer! Desgraçados, porcos!

Eulália despeja vários papéis de seus bolsos.

Olhem aqui: minha assinatura! Sou eu vivendo neste papel. Eu não matei ninguém! Eu não matei! Eu só disse que era apaixonada pelo ensino. Paixão não mata ninguém, meu senhor! Paixão envolve, meu senhor! Paixão não mata!

Vocês querem se sentar? Minha casa é logo ali, posso ensinar português, gramática, conduzir os nossos parágrafos. A minha língua não pode ferir ninguém. Por favor, me escutem! Eu não sabia que a paixão feria!

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Cala a boca! Não entendemos nada do que você diz.

EULÁLIA:

Você precisa parar e me ouvir.

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Cala a boca! Tua história é uma responsabilidade nossa!

EULÁLIA:

Eu vou fugir!

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Quieta! Não se mexa ou um buraco no meio do teu peito agora!

EULÁLIA:

Posso contar minha história? Vocês podem conhecer tudo e verificar, me ajudar a lembrar que falo a verdade. Vocês devem nos proteger e eu devo ensinar os filhos de vocês. Não é assim? Se não me escutarem precisarão desaparecer com tudo. Eu estou por aí! Em todas as esquinas, infestada nas folhas e nos cadernos de cada aluna. Eu não vou sumir!

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Eu vou atirar! Levante suas mãos e fecha a merda de sua boca!

POLICIAL 1:

Levante suas mãos ou levanta tuas mãos?

...

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Coloque as suas mãos para cima!

EULÁLIA:

“Por gentileza, você poderia colocar as suas mãos na altura da cabeça”?

POLICIAL 1:

Capitão, a moça fala bem.

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Cala a boca! Não estamos aqui para aula de português, Senhor.

EULÁLIA:

Tente novamente. “Por gentileza...”

POLICIAL 1:

Por gentileza...

VOZERIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Cala a boca!

EULÁLIA:

Acalmem-se! Podemos ir à minha casa, é logo ali. Podemos nos sentar, ler os parágrafos. Ajudarei a interpretar o caso. A manchete está aqui. Esta não sou eu. Me inventaram aqui e eu posso garantir. Me tornaram uma ficção e eu tenho carne, senhor!

VOZERIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Nós vamos atirar!

EULÁLIA:

Vai arder?

POLICIAL 2:

Onde fica a sua casa?

EULÁLIA:

É logo ali, na rua de baixo.

VOZERIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Não viemos para aprender português, minha senhora. Não precisamos de português, não precisamos do que você fala, não temos interesse na sua língua. Nós só queremos que a tua história acabe.

EULÁLIA:

Como não vieram para aprender português? Para de bobagem! Deixa isso pra lá! Vocês, claramente, foram péssimos em interpretação de texto. O jornal me chama de assassina, diz que a escola está queimada e a escola está intacta, meus senhores. Meus senhores, já conferiram a escola? Eu estive na escola na sexta feira. Hoje é domingo, domingo, meus senhores.

POLICIAL 1:

A senhora ensinou no Albertino?

EULÁLIA:

Carlos?

POLICIAL 3:

Capitão, ainda não verificamos a escola. Atiramos ou verificamos?

POLICIAL 4:

Já estamos aqui, não vamos perder tempo! Atiramos.

CARLOS:

Não! Não atirem. Eulália foi minha professora.

VOZERIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos!
Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos!

EULÁLIA:

A escola não foi incendiada!

VOZERIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos!
Atiramos! Atiramos! Atiramos! Atiramos!

Carlos se retira do batalhão e se coloca na frente da professora Eulália.

EULÁLIA:

Capitão, eu tenho a cópia do jornal, podemos fazer a interpretação, sentar, avaliar... por favor, se acalmem!

CARLOS:

Ela é ótima, Capitão!

EULÁLIA:

Carlito, tá lindo!

VOZERIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Português não salva ninguém do fuzil.

EULÁLIA:

Eu serei lembrada.

...

Vocês ainda dormem?

...

Vocês ainda dormem?

...

Vocês ainda dormem?

Eulália abre os braços.

EULÁLIA:

Eu acabei de acordar!

CARLOS E EULÁLIA:

Porcos! Filhos da puta!

EULÁLIA:

Meu corpo não é público e minha vida não começou agora, depois desta vírgula, depois deste parágrafo.

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Procurem Eulália! Procurem!

POLICIAL 3:

Para nos dar aulas?

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Ela não pode dar aula! A escola está em chamas!

POLICIAL 3:

Capitão, verificamos! A escola está intacta! Não há nenhum rastro de fogo!

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Nós não queremos Eulália viva!

POLICIAL 3:

Capitão, por quê?

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Foi assim que nós aprendemos!

POLICIAL 3:

E Carlos?

VOZARIO EM CORO DOS POLICIAIS:

Nós não conhecemos ninguém com esse nome! Nós conhecemos policiais. E estamos todos aqui, não estamos?

Os policiais sobem nos telhados da vizinhança e procuram Eulália.
Benjamim, com a única janela acesa, ajuda Eulália a subir.

BENJAMIN:

Eulália!

EULÁLIA:

Onde é que você está? Eu estou correndo, eu estou correndo, eu tenho medo de abrir os olhos!

BENJAMIN:

Eulália! Me dá a mão e sobe aqui, rápido.

EULÁLIA:

Você percebe que há algo fora da curva? Algo está ruindo. Por que ninguém acorda? Porcaria de vizinhança, porcaria de narrativa, porcaria, porcaria, porcaria.

BENJAMIN:

Eu estou aqui, se acalma.

EULÁLIA:

Eu escuto meu nome ecoando na cabeça. Cadê os jornalistas?

BENJAMIN:

Sou eu. Benjamin.

EULÁLIA:

Eu não sei mais o que fazer, meu nome está ardendo meu corpo. Eu preciso abrir os olhos, eu vou abrir os olhos. Eles estão me furando, me abrindo, eles estão me esburacando!

BENJAMIN:

Eulália! Calma! Você está viva. Eu também!

EULÁLIA:

Você está acordado?

BENJAMIN:

Sou eu. Benjamin. Eu li o jornal. Eu rezei, eu não acreditei, eu liguei a tv. Você é o assunto mais comentado. Se abaixa Eulália. Se abaixa!

As luzes da vizinhança começam a piscar e os policiais, por alguns minutos, atiram em todas as vidraças.

EULÁLIA:

Há dias em que a vizinhança dorme e não acorda. Eu estou para fora de casa, eu estou sem as chaves de casa. Eu estou com medo! Meu rosto está estampado em todos os jornais e me chamam de assassina. As pessoas não me querem aqui. As pessoas não nos querem aqui Benjamin. Eu tenho medo de ter matado minhas crianças. Eu não fiz nada Benjamin. Eu não fiz nada!

BENJAMIN:

Eu estou aqui. Eu te ouvi. Acendi a luz na janela da minha casa! Você viu?

Curto-circuito na vizinhança. Barulho ensurdecador. Os policiais se afastam do Vilarejo.

III
ALBERTINO E O VILAREJO

Eulália e Benjamin estão na janela, acendem velas e seguram as mãos um do outro.

EULÁLIA:

Eu soube que era você. Eu sorri. Cadê Ítalo?

BENJAMIN:

Estou com medo de buscar o Ítalo, de falar de Ítalo, de pensar nele. Depois nós falamos disso.

EULÁLIA:

Na sexta feira eu era uma professora e hoje já sou uma assassina para fora de casa.

BENJAMIN:

Você pode ficar aqui até todo mundo acordar.

EULÁLIA:

Estão todos dormindo, não estão?

BENJAMIN:

Estão. Por um momento achei que eu estava confuso, que poderia ser coisa da minha cabeça. Como é que a gente chega e conta para alguém que o vilarejo dormiu?

EULÁLIA:

A gente tem medo de tocar na verdade, Benjamin. Sábado fui comprar frutas, organizei os trabalhos para segunda-feira. E domingo, maldito domingo, fui comprar jornal na banca de revista. Me encontrei lá. Saí correndo. Quando cheguei no vilarejo estava tudo tão quieto. Eu comecei a gritar e ninguém me ouviu Benjamin, ninguém.

BENJAMIN:

Na semana passada duas casas, sem explicação alguma, amanheceram no chão. Nem sinal dos moradores.

EULÁLIA:

Meu corpo está inteiro ardendo. Eles atiraram em mim? O que aconteceu? Minha nuca está toda arrepiada.

BENJAMIN:

Você está viva. Você correu antes de morrer Eulália.

EULÁLIA:

Tive a sensação de que eles atiravam enquanto eu falava. Que loucura! Eu os convidei para tomar um café na minha casa, ofereci aula de interpretação de texto em troca da minha vida. Eles mataram um dos policiais, um aluno meu, um aluno meu!

BENJAMIN:

Você é louca Eulália. Você é louca.

EULÁLIA:

A única arma que eu tenho é minha paixão Benjamin. A merda desse jornal! É um absurdo. Como eu fui parar ali? Que diabo está acontecendo com a gente?

BENJAMIN:

Eles não nos querem aqui Eulália. Mês passado, você lembra? Não me deixaram entrar no mercado, nem na farmácia. Não me explicaram o porquê.

EULÁLIA:

Tá cada dia pior. Você foi na Albertino? Está tudo bem lá?

BENJAMIN:

Tem sinal de incêndio, mas é uma porta queimada. Uma porta. No jornal conta que você assassinou as crianças. Eles estão ameaçando até as famílias para confirmarem essa história.

EULÁLIA:

De onde você está tirando isso?

BENJAMIN:

O Ítalo vivia com anotações pela casa, vivia dizendo que precisava saber quem era que fazia tudo isso. Ele queria entender como uma casa cai, como uma pessoa desaparece, como que uma professora incendeia a própria escola. Ítalo sempre intempestivo. Bateu na porta da vizinhança, quis saber das famílias. Ninguém respondeu. Todos estavam dormindo, celular na caixa postal. Uma única pessoa respondeu. Disse que precisava dormir e descansar e depois parou de falar.

EULÁLIA:

Estão nos matando Benjamin?

BENJAMIN:

Eu não quero acreditar nisso. Eu notei que Ítalo foi desistindo de segurar minha mão na rua, foi desistindo de passear no final da tarde. Achava que ele estava delirando. Ele afirmava que o Vilarajo iria nos matar. Algumas coisas pareciam estranhas, mas duvidei. Eu duvidei Eulália.

EULÁLIA:

Onde está Ítalo Benjamin?

BENJAMIN:

Com as pernas esmagadas embaixo de um prédio.

EULÁLIA:

Benjamin!

BENJAMIN:

Eu não consigo voltar lá.

EULÁLIA:

Quando isso aconteceu?

BENJAMIN:

Ontem. Eu insisti para passear, para ver o sol. Foi um estalo, um barulho. A gente correu e depois que a poeira baixou eu o vi lá, chorando, perdendo força. A última coisa que ele me disse foi que o Vilarejo não é simples. Eu saí correndo Eulália. Eu não consigo aceitar.

EULÁLIA:

Benjamin, não vamos deixar ele morrer. Eu de professora para assassina e vocês de alunos para um amor lindo.

BENJAMIN:

Eu não vou voltar lá. Ele já está morto Eulália. O Vilarejo matou. Morar aqui é aceitar a peste.

EULÁLIA:

Nós não vamos sair daqui. Aqui não tem peste nenhuma. Nós vamos mantê-lo vivo. Vamos dar jeito de contar essa história.

BENJAMIN:

Você nos apresentou Eulália. Eu aprendendo português e Ítalo dizendo que queria complicar a vida da matemática. Ele queria encontrar um erro na matemática. Era inspirador.

EULÁLIA:

Eu só preciso resolver essa manchete. Os pais das crianças podem aparecer aqui. Eles podem me matar Benjamin.

BENJAMIN:

Você vai ficar aqui. Por um tempo.

EULÁLIA:

Benjamin, olha, o Vilarejo acordou.

IV A VIZINHANÇA

As janelas estão todas acesas. A vizinhança faz burburinho. Abrem e fecham as janelas. Eulália e Benjamin descem para a rua. A madrugada está para receber o sol.

VIZINHA 1:

Nós estamos acompanhando e está provado! A única professora daqui, nosso orgulho, nossa honra, acaba de cometer uma barbárie!

EULÁLIA:

Nãoooo!

VIZINHA 2:

Acaba de cometer uma barbárie!

VIZINHA 3:

Eulália!

VIZINHA 4:

Eulália!

EULÁLIA:

Benjamin, meu corpo está ardendo.

VIZINHA 2:

Daqui três dias o vilarejo vai desaguar em sangue. Não se sabe se será ano novo ou tiroteio sem hora para acabar. Saia daqui, imunda!

VIZINHA 3:

Você lembrará disso?

EULÁLIA:

Vocês me ouvem?

BENJAMIN:

O que aconteceu que vocês dormiram tanto tempo?

VIZINHANÇA:

A gente precisa descansar e trabalhar!

EULÁLIA:

Vocês estão dormindo ou estão acordadas?

VIZINHA 1:

Nós vamos viver o que resta. Até lá, a gente acha um culpado.

VIZINHA 4:

Em poucos dias eles podem entrar aqui e quebrar tudo, tudo. Em nome de Eulália. A justificativa será Eulália. A bala será Eulália.

VIZINHA 3:

Aqui, se um precisa morrer, a casa de todo mundo desaba.

VIZINHA 2:

Não escondam Eulália! Entreguem Eulália!

VIZINHA 1:

Ouçam Eulália!

VIZINHA 3:

Que se dane Eulália. Meu irmão tá morto aqui. Uma bala nas pernas, no estômago, nas costas. Em nome de quê?

EULÁLIA:

As coisas são assim?

BENJAMIN:

Diacho! Eu estou com sono Eulália. Não posso dormir.

EULÁLIA:

Esse é o nosso vilarejo. Esse é o nosso lugar. A gente não pode deixar que eles nos matem.

VIZINHA 2:

Mentira!

VIZINHA 5:

Menina, que avoê é esse?

VIZINHA 2:

A minha casa está esburacada aqui!

VIZINHA 5:

Eu nem percebi. Tava num sono bom. Alguém morreu ou dá pra voltar a dormir?

EULÁLIA:

Minha nossa!

VIZINHA 1:

Ouçam Eulália!

EULÁLIA:

Eu não matei ninguém. Eu só disse que eu era apaixonada pelo ensino. Eu só disse que eu não queria que minhas crianças morressem. Eu só disse que queria um futuro para as crianças.

VIZINHA 3:
Você já matou?

...

BENJAMIN:
Professora!?

EULÁLIA:
Eu não matei as crianças.

VIZINHA 4:
Nós sabemos. A pergunta não foi essa.

VIZINHA 3:
Você já matou alguém Eulália?

...

EULÁLIA:
Já.

As janelas se fecham e as luzes se apagam. Restam Benjamin e Eulália de mãos dadas na rua. Se abraçam. Eulália dá um beijo na testa de Benjamin.

EULÁLIA:
Isso é passageiro. Nós não sabemos, mas daqui uma semana as casas quebrarão ao meio. Daqui dois meses você ficará dentro de casa. Daqui três meses você não acreditará na segurança de sua casa. Daqui quatro meses você saberá do segredo das tuas ruas. Daqui oito meses você amanhecerá em desequilíbrio. Daqui um ano você comprará dois televisores. Daqui dois anos você verá um rosto amigo em rede nacional em um destes televisores. Daqui três anos você entregará sua casa para os policiais. Daqui quatro anos você estará embaixo da casa que quebrou. No meio disso tudo Benjamin, nós manteremos aqui, em nosso lugar, em nosso Vilarajo. Eu não posso deixar você desistir daqui. Você vai?

VIZINHA 1:
Eu quero te ouvir. Eu não quero mais dormir Eulália.

EULÁLIA:
Não deixe que durmam. Eu preciso que você acorde toda as pessoas, por favor, nós precisaremos de ajuda ou iremos morrer.

VIZINHA 1:
Como faço isso?

EULÁLIA:

Leia o jornal. Cada parágrafo. Procurem as fontes, explique para as pessoas, bata de porta em porta.

VIZINHA 1:

Eles voltaram dormir.

BENJAMIN:

Não durma! Não durma!

EULÁLIA:

Por que as luzes acendem?

VIZINHA 1:

É eletricidade.

BENJAMIN:

É medo!

VIZINHA 5:

Que avô é esse?

EULÁLIA:

Você tem sono constante?

VIZINHA 5:

Eu acendo e eu apago. As luzes. Não posso deixar que saibam que estou acordada. A gente culpa a eletricidade. A bem da verdade é que muitos daqui sabem, sabem de cada casa que desaparece, de cada documento que some, de cada história que se apaga.

VIZINHA 5:

Sou a Lúcia!

VIZINHA 1:

Bianca.

BENJAMIN:

Benjamin! Por favor, não deixe ninguém dormir!

LÚCIA:

A qualquer necessidade, chamem a vizinhança, não falem nossos nomes.

BIANCA:

A qualquer necessidade o problema é a eletricidade! Nós vamos ajudá-los.

V
CAMINHAR E PASSEAR, COISA DE GENTE GRANDE

BENJAMIN:

A vizinhança pode descansar mas não deve voltar a dormir.

EULÁLIA:

Por que a gente não consegue?

BENJAMIN:

Viver aqui é uma praga. As casas caem sozinhas, as ruas se abrem, nossos amigos desaparecem. Depois, ninguém vê falta, todo mundo volta a dormir. Eu sou o único que formou na escola e continuou aqui. Não sou?

EULÁLIA:

Os policiais estão aqui? Os jornalistas nem apareceram. Amanhã voltarão a me procurar, tenho certeza.

BENJAMIN:

Acho que estamos fora de perigo.

EULÁLIA:

Vamos buscar Ítalo? Vamos enterrá-lo, vamos documentá-lo.

BENJAMIN:

Ele já estava sem temperatura. Eu fico refazendo essa imagem na minha cabeça. Você consegue me acordar deste espanto Eulália?

EULÁLIA:

Eu quero descansar e não consigo. Dormir para descansar, somente.

BENJAMIN:

Como você está agora?

EULÁLIA:

Minha cabeça arde ainda. Eu sinto meu nome ardendo pelo corpo todo. Ainda agora eu nem sabia o que era corpo, o que iria fazer, eu estava incontrolável, assustada. O que vamos fazer Benjamin? Lavar a pedra que matou Ítalo e chamar de túmulo? Ou empurrá-la na testa de um infeliz para vingá-lo?

BENJAMIN:

Não foi a pedra. Não foi! Foi o vilarejo, Eulália. Não posso perder você também.

EULÁLIA:

Você precisa descansar?

BENJAMIN:

Não. Ítalo sempre falou sobre o vilarejo. Sempre disse que alguma coisa movia os acidentes, as enchentes, as chuvas torrenciais, as casas destruídas. Ítalo sempre soube que viver como a gente vivia era um perigo. Eu o beijei e disse que voltaria. Eu só consegui ficar segurando uma foto Eulália. Ele deve estar lá, o resto dele deve estar lá.

EULÁLIA:

A gente vai ficar aqui vendo o vilarejo de longe. Diariamente eu virei aqui e contarei tudo para a vizinhança. Para Lúcia e para Bianca. Contarei até que alguém abra a janela e me ouça. Até que alguém nos ajude. Se eu morrer, eu quero que você proteja esse Vilarejo, a nossa escola. Eu não quero que ninguém morra.

BENJAMIN:

E o jornal?

EULÁLIA:

Eu vou descobrir quem é que escreveu aquilo. Agora, por favor, eu só queria descansar.

BENJAMIN:

Vou reconstruir as casas, as vidraças, o prédio que matou. Eu vou enfrentar a ausência dos cabelos dele. Eu vou impedir a fome de tocá-lo. Eu vou colocá-lo diante do paraíso. Eu vou oferecer o rosto dele para o futuro. Eu vou aproximar a minha boca dele. A memória Eulália. A memória perdura.

EULÁLIA:

Como?

BENJAMIN:

Colocando estas palavras ao ar livre. Falando, repetindo, desejando. A vizinhança dorme porque sabe bem como o vilarejo funciona. É melhor não ver, é melhor achar que foi um acidente, é melhor. Mas não foi Eulália. Essa notícia jornalística não foi um acidente, não foi um erro de grafia. O prédio não caiu à toa. Foi uma escolha, foi uma escolha. Você me ouve?

EULÁLIA:

Eu ouço. Eu ouço. Você me vê?

BENJAMIN:

Eu vejo. Eu vejo. Como é que se protege uma vida da ingenuidade? Nós éramos dois homens mais o mundo. Nós éramos dois homens mais a rua principal do vilarejo. Nós éramos dois homens e reagimos ao problema do vilarejo. Enfrentamos e Ítalo morreu.

EULÁLIA:

Como é que se protege o mundo de uma vida ingênuas?

BENJAMIN:

Foi o que ele me disse. Eu deveria conhecer o vilarejo de verdade. Eu achava o vilarejo simples. Achava que servia pra dormir, atravessar a rua e conhecer os supermercados. Não sabia mais do que isso sobre ele. Eu devo conhecer o vilarejo de verdade e você também.

EULÁLIA:

O vilarejo é lindo, durante a noite é lindo, não é?

BENJAMIM:

Ele queria que eu compreendesse o problema do vilarejo. Eu achava que a vilarejo tinha nos encontrado e que viver apertado não incomodava, para abraçar não incomodava. Achava o vilarejo simples, funcional. Achava isso tudo. Até o dia em que o amei e segurei o rosto dele, segurei as pálpebras, emprestei meu ar. Eu não queria vê-lo morrer ali, dois pedaços de concreto sobre as pernas.

EULÁLIA:

Benjamin!

BENJAMIM:

Oi?

EULÁLIA:

Eu estou sem as chaves de casa!

Eles riem por um longo período. Se abraçam, levantam e admiram a vizinhança, o vilarejo.

BENJAMIN:

Vamos para a minha casa! Depois vamos enterrar Ítalo, documentá-lo, contar a nossa história.

EULÁLIA:

Você está vivo, vivo!

BENJAMIN:

Vivo!

EULÁLIA:

Que bom. Amanhã, giz novo e jaleco, tudo no lugar. Serei pontual e minhas alunas também.

BENJAMIN:

Como sempre, como sempre professora. Que bom que está aqui. Professora?

EULÁLIA:

Diga!

BENJAMIN:

Vamos visitar a Albertino?

EULÁLIA:

Vamos!

BENJAMIN:

Quero enterrar o Ítalo lá. Na escola.

EULÁLIA:

O vilarejo nos constitui Benjamin. E olha, eu não tenho força para levantar uma pedra, mas para levá-lo até Albertino, eu terei. Benjamim?

BENJAMIN:

Oi?

EULÁLIA:

Você me ouviu?

BENJAMIN:

Eu ouço.

EULÁLIA:

Você me vê?

BENJAMIN:

Eu vejo.

EULÁLIA:

Benjamin, eu me sinto bem comigo aqui. Eu reconheço minha voz e meu corpo. Porcos! Desgraçados! Podem voltar!

BENJAMIN:

Como é que um prédio cai? Como é que se morre em um segundo? Como é que se pensa futuro neste mesmo segundo? Como é que você se arrepende de um passeio?

EULÁLIA:

Como é que você se arrepende de um passeio? É. Caminhar e passear é coisa de gente grande, de gente dolorida, é coisa da gente.

BENJAMIN:

Eu vou ficar aqui até acabar! Eu vou ficar aqui até acabar!

EULÁLIA:

O vilarejo que se cuide. Porcaria, meu bem, porcaria.

BENJAMIN:

O que foi?

EULÁLIA:

Você aí me olhando... Tá tentando roubar o futuro?

BENJAMIN:

Vem cá! Tá vendo?

Estão no alto do morro, aponta para a Albertino.

EULÁLIA:

O que?

BENJAMIN:

Olha!

EULÁLIA:

O que?

BENJAMIN:

O que você tá vendo?

EULÁLIA:

O vilarejo. A luz da sua casa acesa.

BENJAMIN:

Eu só vejo o Vilarejo esperando que a gente durma. Nós dois, conversando, enquanto o vilarejo ainda sabe ficar em pé. A Albertino, linda, em pé e viva. Porcos! Desgraçados!

EULÁLIA:

Você me ouviu?

BENJAMIN:

Eu ouvi.

EULÁLIA:

Você me vê?

BENJAMIN:

Eu vejo.

Tiros ecoam no céu do Vilarejo. A vizinhança acorda e as luzes das casas acendem, abrem as janelas. A vizinhança toda está na rua.

Bianca e Lúcia seguram as mãos de Eulália e Benjamin. A vizinhança se posiciona como um grande cordão. Eulália sorri.

EULÁLIA: Eles voltaram.

Esta dramaturgia foi criada no projeto *Brasis por escrever*, uma realização do **Platô – Pesquisa e Produção**, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

